

# RAGNAR JÓNASSON

AUTOR BESTSELLER INTERNACIONAL

# NIEVE CEGA



«Nunca um thriller nórdico foi tão denso.»

*BOOKLIST*

TOP  
SEL  
LER

*Para a Kira, do Pai*

# ISLÂNDIA



# SIGLUFJÖRDUR



## PRÓLOGO

### **SIGLUFJÖRDUR.**

#### **QUARTA-FEIRA, 14 DE JANEIRO DE 2009**

**A**mancha vermelha era como um grito no silêncio. O chão, tapado pela neve, estava tão branco que quase anulava a escuridão noturna do inverno, elementar na sua pureza. Nevava durante todo o dia, flocos grandes e pesados que tombavam graciosamente sobre a terra. Ao início da noite, o nevão fizera uma pausa, a qual se prolongava até ao momento.

Não andavam muitas pessoas por ali. A maior parte permanecera entre portas, satisfeita por poder observar o tempo através das janelas. Possivelmente, algumas delas tinham optado por ficar em casa em sequência à morte na Sociedade Dramática. As histórias circulavam rapidamente e o ambiente impregnava-se de suspeitas, apesar da aparência pacífica da cidade vista do exterior. Um pássaro a sobrevoar a cidade não teria reparado em nada de anormal, não sentiria a tensão no ar, a incerteza e até o receio, a não ser que passasse sobre o pequeno jardim das traseiras no centro da povoação.

As árvores altas em redor do jardim vestiam os seus trajes invernosos, assumindo formas sombrias no meio da escuridão. Assemelhavam-se mais a palhaços do que duendes, com um branco delicado a adorná-las a partir do chão, apesar de o peso da neve obrigar alguns dos seus ramos a vergar.

Uma luz reconfortante emanava das casas aquecidas, enquanto os candeeiros da rua iluminavam as artérias principais. Apesar da

hora tardia, aquele quintal nas traseiras não estava escondido pelas trevas, de forma alguma.

Naquela noite, a cordilheira de montanhas que guardava a cidade surgia quase inteiramente branca, mal deixando entrever os picos mais elevados. Era como se as montanhas tivessem faltado ao seu dever nos dias anteriores, como se algo inexplicável, uma ameaça, tivesse devassado a cidade subtilmente; qualquer coisa que permanecera mais ou menos invisível até essa noite.

Ela jazia no meio do jardim, lembrando um anjo de neve.

À distância, tinha um ar pacífico.

Os braços abertos ao lado do corpo. Vestia umas calças de ganga desbotadas e estava nua da cintura para cima, com o cabelo longo a emoldurá-la como um diadema na neve; neve que não devia ter aquela tonalidade vermelha.

Uma poça de sangue formara-se à sua volta.

A pele dela parecia empalidecer a uma velocidade assustadora, adquirindo um tom marmóreo, como em reação ao carmesim impressionante que a rodeava.

Os lábios dela estavam roxos. A sua respiração superficial tornou-se convulsiva.

Ela pareceu levantar os olhos para os céus sombrios.

Depois, os seus olhos fecharam-se bruscamente.

# 1

## REIQUIAVIQUE. PRIMAVERA DE 2008

**N**ão faltava muito para a meia-noite, mas ainda havia clareza. Os dias tornavam-se cada vez maiores. Era a altura do ano em que cada novo dia, mais luminoso que o anterior, trazia consigo a esperança de algo melhor. E, para Ari Thór Arason, as coisas pareciam realmente luminosas. A namorada dele, Kristín, tinha-se mudado finalmente para o seu pequeno apartamento na rua Öldugata, embora isso não fosse muito mais do que uma formalidade. Em todo o caso, Kristín passava ali a maior parte das noites, à exceção das que precediam os exames, em que ela preferia dedicar-se à leitura na paz e tranquilidade da casa dos pais, muitas vezes até de madrugada.

Kristín entrou no quarto, vinda do duche, com uma toalha em volta da cintura.

— Estou tão cansada, meu Deus. Às vezes, pergunto a mim própria por que razão fui para medicina.

Ari Thór desviou os olhos da pequena secretária do quarto.

— Tu vais ser uma médica fantástica.

Ela deixou-se cair sobre a cama, espreguiçando-se em cima do edredão, com o cabelo louro a espalhar-se como uma auréola sobre a brancura da roupa da cama.

*Como um anjo*, pensou Ari Thór, observando-a enquanto ela estendia os braços e os passava suavemente pelo torso.

*Como um anjo de neve.*

— Obrigada, meu amor. E tu vais ser um polícia brilhante — retorquiu Kristín. — Embora eu continue a pensar que devias ter concluído a licenciatura em teologia — acrescentou, sem conseguir conter-se.

Ari Thór estava perfeitamente ciente disso e não precisava de o ouvir da boca dela. Primeiro tinha sido a filosofia, até que ele acabara por desistir, e depois a teologia. Esta tinha seguido o mesmo caminho, e ele acabara por se inscrever no curso de formação de oficiais da polícia. Ari nunca tivera propriamente a capacidade de criar raízes, buscando sempre algo que se adaptasse ao seu temperamento, que lhe transmitisse alguma emoção. Estava quase convencido de que a sua opção pela teologia tinha sido um gesto provocatório a algum deus que sabia não existir; algum deus que lhe tinha sonogado a hipótese de crescer de forma normal aos treze anos de idade, quando a mãe dele tinha morrido e o pai desaparecera sem deixar rasto. Só depois de conhecer Kristín e conseguir resolver o enigma do desaparecimento do pai, dois anos antes apenas, é que ele começara a ganhar alguma paz de espírito. Foi então que a ideia da polícia lhe surgiu pela primeira vez, com a expectativa de que daria um melhor agente do que homem do clero. O curso de polícia tinha-lhe proporcionado uma condição física excelente, ao mesmo tempo que o levantamento de pesos, a corrida e a natação lhe alargavam os ombros mais do que nunca. O corpo dele jamais tinha atingido aquela forma quando passava os dias e as noites agarrado aos manuais de teologia.

— Sim, eu sei — anuiu ele, ligeiramente irritado. — Não me esqueci da teologia. Apenas a deixei de lado por uns tempos.

— Devias fazer um esforço e concluí-la, enquanto as ideias continuavam frescas na tua cabeça. Se te desligares dela demasiado tempo, vai ser difícil retomar — insistiu ela, e Ari Thór sabia que a namorada não falava por experiência própria. Kristín terminava sempre tudo aquilo que se propunha fazer, correndo de um exame para o outro. Nada parecia ser capaz de a deter e ela concluíra recentemente o quinto dos seis anos do curso de medicina. Isso não lhe causava inveja, apenas orgulho. Mais tarde ou mais cedo, eles teriam de ir para o estrangeiro para ela tirar uma especialização, algo que nunca tinham debatido, mas de que ele estava perfeitamente consciente.

Kristín pôs uma almofada debaixo da sua cabeça e olhou para ele.



— Não é incómodo ter uma secretária no quarto? E este apartamento não é pequeno demais?

— Pequeno? Não, eu gosto muito dele. Detestava viver no centro da cidade.

Kristín recostou-se mais para trás, afundando a cabeça na almofada.

— Seja como for, não há pressa.

— O espaço é mais do que suficiente para nós os dois. — Ari Thór levantou-se. — Só temos de nos aconchegar um bocado.

Ele tirou a toalha e estendeu-se suavemente em cima dela, beijando-a longa e profundamente. Kristín retribuiu o beijo, passando-lhe os braços em volta dos ombros e puxando-o mais para si.

## 2

**C**omo diabo podiam eles ter-se esquecido do arroz?

*Ela estava lívida ao pegar no telefone para ligar para o pequeno restaurante indiano que ficava numa ruela a cinco minutos da sua casa isolada e de dimensões generosas. Com os dois andares elegantes em alvenaria, o telhado laranja e uma grande garagem coroada por um terraço batido pelo Sol, aquela era a casa de sonho para uma família grande. Eles continuavam a ser felizes ali, mesmo que todos os filhos já tivessem abandonado o ninho e o tempo da reforma estivesse a chegar.*

*Tentou acalmar-se enquanto esperava que atendessem a chamada. Tinha aguardado com expectativa o momento em que iria sentar-se em frente à televisão e assistir à série das sextas-feiras à noite, acompanhada de um caril de frango com arroz a escaldar. Estava sozinha em casa, com o marido ausente numa viagem de negócios e, nesse momento, provavelmente a caminho de um voo noturno que o traria para casa na manhã seguinte.*

*O mais irritante era o restaurante indiano não fazer entregas, pelo que já calculava que teria de sair outra vez, deixando o resto do jantar a esfriar. Que grande chatice. Pelo menos, a temperatura estava suficientemente amena no exterior, pelo que o caminho até lá não seria uma grande provação.*

*Quando alguém atendeu finalmente, ela foi direta ao assunto.*

*— Quem é que faz um caril de frango sem arroz? — reclamou, com a voz a elevar-se de forma perfeitamente exagerada face àquele pequeno descuido.*

*Quando o empregado pediu desculpa e se dispôs hesitantemente a fornecer de imediato o artigo em falta, ela desligou abruptamente o telefone e, controlando a raiva que sentia, partiu em direção à escuridão.*

\* \* \*

*Demorou mais do que era costume a encontrar as chaves na mala, ao regressar dez minutos depois, trazendo o arroz num saco e preparando-se para uma noite de descontração com algo delicioso para comer. Só quando a chave já rodava na fechadura é que ela sentiu uma presença, qualquer coisa que não batia certo.*

*Mas, nessa altura, já era tarde demais.*

### 3

## REIQUIAVIQUE. VERÃO DE 2008

**A**ri Thór entrou em casa, deixando ficar a chuva para trás. O regresso a casa, naquele apartamento da Öldugata, transmitia-lhe sempre uma sensação calorosa, mas nunca tão calorosa como tinha acontecido ao longo desse verão.

— Olá, és tu? — perguntou Kristín, elevando a voz da secretária no quarto, onde ela costumava ficar a ler os seus manuais quando não estava de serviço no Hospital Nacional.

Ele sentia que o apartamento tinha renascido desde que ela se mudara para lá. As paredes brancas, neutras até então, tornaram-se subitamente luminosas. Existia sempre uma aura em torno de Kristín, mesmo quando ela se sentava em silêncio a ler um livro à secretária, uma energia que Ari Thór considerava cativante. Havia alturas em que ele tinha a sensação de que perdera o controlo sobre a própria vida. Tinha vinte e quatro anos de idade e o futuro já deixara de ser uma folha em branco. Nunca lho dissera; falar sobre os seus sentimentos não era das coisas mais fáceis para ele.

Espreitou para dentro do quarto. Ela estava ali sentada, debruçada sobre um livro.

*Porque tinha ela de passar o tempo a ler aqueles livros durante o verão inteiro?*

A luz do Sol parecia não ser suficientemente sedutora para ela.

— Já me chega ter de ir e voltar do trabalho. É quanto basta de ar livre para mim — gracejava Kristín, quando Ari Thór a tentava

convencer com bons modos a dar um passeio até ao centro, sempre que ele estava de folga num dia soalheiro. Naquele verão, ele estava a ter formação com a força policial do aeroporto de Keflavík, enquanto o seu curso de polícia se aproximava do fim.

Por vezes, Ali Thór perguntava-se o que o teria levado, há um ano somente, a desistir da teologia, embora talvez apenas temporariamente, e a pôr à prova os seus talentos noutra área. Nunca tinha sido pessoa que dedicasse muito tempo a livros de estudo. Precisava de alguma ação, de um pouco de variedade. Havia qualquer coisa no trabalho da polícia que o deixava fascinado: a excitação e o drama. Não era o dinheiro, certamente. Conseguiu que o aceitassem no curso, ainda que o período letivo estivesse prestes a começar.

Tinha descoberto entretanto que gostava do trabalho da polícia, apreciando a responsabilidade e a emoção da adrenalina.

Agora, a sua instrução estava a chegar ao fim; faltava-lhe apenas concluir um período para ficar habilitado. Ainda não tinha certezas sobre aquilo que se seguiria à licenciatura. Já se tinha candidatado a vários lugares na polícia, e recebera algumas respostas negativas, não tendo ainda nenhuma oferta de trabalho.

— Sou eu. Tudo bem por aqui? — disse ele para Kristín, pendurando o casaco molhado. A seguir, dirigiu-se ao ponto onde ela se encontrava, concentrada no seu livro, e depositou-lhe um beijo na nuca.

— Olá. — A voz de Kristín era afetuosa, mas ela não pôs o livro de lado.

— Como vai isso?

A namorada fechou o livro, depois de assinalar cuidadosamente o ponto onde estava, e virou-se para ele.

— Vai bem. Foste ao ginásio?

— Sim, e isso deixou-me revigorado.

O telemóvel dele começou a tocar.

Ari Thór regressou ao vestíbulo e retirou o telemóvel do bolso do casaco.

— Ari Thór? — perguntou uma voz tonitruante. — Ari Thór Arason?

— É o próprio — respondeu ele, algo circunspecto, pois não reconhecia o número da pessoa que lhe ligava.

— Chamo-me Tómas. Pertenço à polícia de Siglufjörður. — O tom tornou-se ligeiramente mais amigável.

Ari Thór dirigiu-se à cozinha, para não correr o risco de ser escutado. Siglufjörður era um dos lugares a que ele se tinha candidatado sem o referir a Kristín. Um sítio que ele praticamente desconhecia, sabendo apenas que ficava o mais a norte da Islândia que era possível; mais perto do círculo ártico que de Reiquiavique, provavelmente.

— Queria propor-lhe um trabalho — disse o homem que se tinha apresentado como Tómas.

Ari ficou ligeiramente desconcertado. Nunca tinha encarado Siglufjörður como uma verdadeira opção.

— Bom...

— Precisava da sua resposta agora. Há uma fila de jovens interessados nisto, e pessoas com uma experiência maior que a sua. O seu percurso agrada-me, no entanto: filosofia e teologia. São exatamente aquilo de que precisa para vir a ser um chui à maneira numa cidade pequena.

— Eu aceito — declarou Ari Thór, quase para sua própria surpresa. — Obrigado. Isso significa muito para mim.

— Não tem de quê. Vamos começar por um período de dois anos — propôs Tómas. — Dois anos de pena! — exclamou ele na sua voz retumbante, com as gargalhadas a ecoarem na linha. — E, a seguir, estou certo de que vai poder continuar se assim o quiser. Quando pode começar?

— Bom, tenho uns exames para fazer neste inverno, por isso...

— Acho que pode fazer os exames finais a partir daqui. O que me diz de novembro, talvez meados de novembro? É a altura ideal para conhecer a cidade. O Sol prepara-se para nos deixar até ao mês de janeiro, e é quando começam a funcionar as pistas de esqui. Dispomos de umas pistas excelentes por aqui. E, depois, talvez possa até tirar uns dias no Natal.

Ari Thór pensou em dizer-lhe que o esqui era algo que não o atraía realmente, mas limitou-se antes a agradecer de novo. Tinha o sentimento de que se iria dar bem com este homem barulhento, embora amigável.

\* \* \*

Quando regressou ao quarto, Kristín estava novamente embrenhada no seu livro.

— Tenho um trabalho — anunciou ele abruptamente.

Kristín ergueu os olhos.

— O quê? A sério? — Ela fechou o livro e virou-se rapidamente para ele, esquecendo-se de o marcar desta vez. — Isso é fantástico!

Na voz dela havia uma alegria genuína. Kristín falava sempre num tom tranquilo, como se nada a pudesse surpreender, mas Ari Thór começava a aprender a decifrar-lhe as expressões. Aqueles olhos de um azul profundo que contrastavam de forma tão impressionante com o cabelo louro e curto podiam ter um efeito hipnotizador à partida, mas por trás deles havia alguém naturalmente determinado e assertivo; alguém que sabia exatamente aquilo que queria.

— Eu sei, é incrível. Não estava à espera que surgisse algo tão depressa. Uma grande quantidade de nós concluiu o curso em dezembro e não existem muitos lugares disponíveis.

— Então, onde fica o trabalho? Aqui na cidade? É para substituíres alguém?

— Não, é um contrato por dois anos... pelo menos.

— Na cidade? — insistiu Kristín, e, pela sua expressão, Ari Thór percebeu que ela suspeitava que podia não ser.

— Bom, na verdade não é. — Ele hesitou antes de prosseguir. — É no Norte. Em Siglufjörður.

Ela ficou calada e cada segundo que passava parecia uma hora.

— Siglufjörður? — A voz dela elevava-se, e o tom transmitia uma mensagem clara.

— Sim, é uma grande oportunidade — disse ele brandamente, quase como se implorasse, esperando que ela compreendesse o seu lado, que aquilo era importante para ele.

— E tu aceitaste? Sem te lembrares sequer de me perguntar? — Os olhos dela estreitaram-se. A voz era amarga, a roçar a cólera.

— Bom... — Ele hesitou. — Há alturas em que temos simplesmente de agarrar as oportunidades. Se eu não tivesse decidido naquele momento exato, eles iam escolher outra pessoa. — Ari Thór ficou um momento em silêncio. — Eles escolheram-me — acrescentou, quase de forma apologetica.

Ele tinha desistido da filosofia e, a seguir, da teologia. Perdera os pais demasiado cedo e vivera sozinho num mundo difícil desde a infância. Depois, Kristín tinha-o escolhido. Isso trouxera-lhe uma sensação idêntica àquela que experimentava agora.

*Eles escolheram-me.*

Este seria o seu primeiro trabalho a sério, e um trabalho que implicava responsabilidades. Ele tinha-se esforçado por ter um bom desempenho na formação de polícia. Se era assim, porque não podia Kristín limitar-se a ficar feliz por ele?

— Tu não podes decidir mudar-te para Siglufjörður assim de repente, sem falar comigo sobre o assunto, que diabo! Diz-lhes que precisas de pensar melhor sobre isso — exigiu ela num tom frio.

— Por favor, eu não quero pôr isto em risco. Eles querem que eu vá para lá em meados de novembro, e eu faço alguns exames a partir de lá e tiro uns dias de folga para voltar no Natal. Porque não tentas ver se podes vir também?

— Eu tenho de trabalhar aqui, e de estudar também; tu tens plena consciência disso, Ari Thór. Por vezes, não consigo mesmo compreender-te — Ela levantou-se. — Isto é completamente ridículo. Eu pensei que éramos companheiros, a fazer as coisas em conjunto. — Kristín virou-se para ocultar as lágrimas. — Vou dar uma volta.

Ela saiu do quarto em passos rápidos, avançando pelo corredor.

Ari Thór ficou parado no sítio onde estava, atónito por ter perdido completamente o controlo da situação.

Preparava-se para a chamar quando ouviu a porta da rua a fechar-se com um estrondo.



## 4

### **SIGLUFJÖRDUR. NOVEMBRO DE 2008**

**U**gla, a coruja, num coto de árvore pousou.

Ágúst recitava sempre aquela rima antiga quando os dois se sentavam à janela do sótão que dava para a rua, na casa dos pais dela, em Patreksfjörður.

A recordação trouxe-lhe um sorriso aos lábios. Só há pouco tempo é que ela tinha descoberto novamente dentro de si própria a capacidade de sorrir quando pensava nele. Quatro anos tinham passado desde que ela se tinha mudado, sozinha, para Siglufjörður.

Quatro anos era igualmente o tempo decorrido desde que ela vira Patreksfjörður pela última vez.

Os pais costumavam visitá-la com regularidade, conforme acontecera recentemente, em outubro, ficando ali duas semanas antes de regressarem a oeste. Neste momento, ela estava de novo sozinha.

Fizera bons amigos ali, mas nenhum deles era especialmente próximo e ela não costumava falar sobre o passado. Tanto quanto eles sabiam, ela era apenas uma pessoa que se mudara para ali vinda dos Fiordes do Oeste.

Tinha consciência dos rumores que os rapazes da cidade espalhavam sobre ela, baseados em pura especulação. Não que isso lhe interessasse, agora que estava munida de uma carapaça. Como se lhe importasse aquilo que os rapazes de Siglufjörður diziam dela... Só havia um rapaz com quem ela se importara minimamente alguma vez.

Tratava-se de Ágúst, o rapaz mais bonito de Patreksfjörður, pelo menos, na sua opinião.

A amizade entre ambos nascera aos sete anos de idade, e depois evoluíra para algo mais profundo na adolescência. Desde então, os dois eram inseparáveis.

Ugla e Ágúst, nomes que estavam inextricavelmente ligados — em Patreksfjörður, pelo menos. Mas não aqui, em Siglufjörður, onde ninguém sabia nada sobre os dois.

Era assim que ela desejava que as coisas fossem, concluindo que aquela imagem da mulher jovem e misteriosa, vinda do Oeste e despertando à sua volta uma onda de mexericos, lhe agradava francamente. No entanto, a sua indiferença em relação àquilo que se dizia dela à boca calada talvez não fosse totalmente verdadeira. Uma das histórias em particular era-lhe dolorosa. Por um acaso qualquer, tinha surgido o boato de que ela era uma mulher fácil, e Ugla não conseguia descobrir o que estava na sua origem.

Imediatamente a seguir ao incidente que tinha alterado tudo, ela tomara a decisão de deixar os Fiordes do Oeste. Desde logo, os pais mostraram-se contrários àquela ideia. Ugla não tinha concluído o curso, estando na altura a completar o penúltimo ano da Universidade de Ísafjörður.

Depois de conseguir passar nos exames da primavera, Ugla tinha começado a candidatar-se a empregos em outras regiões do país. Passado pouco tempo, recebeu uma proposta de trabalho para uma fábrica de transformação de peixe em Siglufjörður. Tal como a maioria das pessoas de Patreksfjörður, Ugla tinha trabalhado no setor do peixe quando era mais nova, e aquele era um trabalho a que estava habituada, mesmo que as suas ambições se dirigissem noutro sentido. Depois de trabalhar na fábrica alguns meses, ela soube da existência de uma vaga nos escritórios para um trabalho a tempo parcial. A sua candidatura ao lugar foi aceite, permitindo-lhe reduzir as horas de trabalho no setor fabril e dedicar metade do tempo a tarefas administrativas. Ela esperava não sofrer demasiado os efeitos daquela depressão miserável que parecia preparar-se para arrasar a Islândia nesse momento. Precisava do emprego e a última coisa que queria era deixar de trabalhar e ter de regressar à casa dos pais em Patreksfjörður.

O responsável pelos recursos humanos da fábrica de peixe falara-lhe de um pequeno apartamento numa cave onde era possível fazer um arrendamento a curto prazo, permitindo-lhe dispor de um refúgio tranquilo enquanto decidia o tempo que ia permanecer em Siglufjörður. A visita ao apartamento foi conduzida por Hrólfur, um cavalheiro dinâmico que aparentava ter oitenta anos de idade, embora Ugly soubesse mais tarde que estava mais próximo dos noventa.

Em breve, ela descobria que aquele ancião era o famoso escritor Hrólfur Kristjánsson. Ugly recordava-se do livro dele, *Ao Norte das Montanhas*, dos seus tempos de escola. Quando pediram aos alunos que lessem um livro escrito em 1941, ela ainda recebeu que aquele fosse um romance de amor bucólico e insuportavelmente fastidioso. Mas tinha-se enganado. Acabara por ler *Ao Norte das Montanhas* numa só noite, ficando eternamente conquistada pela sua beleza. Para a generalidade da turma, o fascínio despertado pelo livro era semelhante ao de qualquer outra obra da lista de leitura, mas Ugly tinha descoberto ali algo que a cativava e que estaria indubitavelmente na origem das vendas colossais da obra durante a década de 1940, não só na Islândia mas também a nível mundial.

Foi num dia sereno e luminoso da primavera de 2004 que ela se encontrou frente a frente com o próprio escritor. Uma onda de cordialidade emanava daquele homem ligeiramente curvado e que devia ter sido alto e imponente quando era mais jovem. A voz dele era forte, mas sentia-se nela algo de paternal, embora ele não tivesse filhos. Hrólfur era magro, com o cabelo grisalho a começar a recuar, e emanava dele o ar autoritário típico de quem está habituado a ser respeitado.

Ele vivia numa casa magnífica na rua Hólavegur, com vista para o fiorde. A casa estava bem preservada, dispoñdo de uma grande garagem que albergava um *Mercedes* vermelho já com alguns anos. Pelo que Ugly tinha apurado, o apartamento na cave era alugado de vez em quando, maioritariamente a pessoas que vinham viver para a cidade por motivos profissionais ou a algum artista de passagem em busca de paz e sossego por entre as montanhas circundantes. No entanto, Hrólfur nunca se mostrara inclinado a deixar ficar ali quem quer que fosse, insistindo em conhecer pessoalmente cada

potencial inquieto; sabia-se que ele não hesitava em rejeitar uma pessoa sempre que o aspeto dela não lhe agradasse.

— Trabalha no setor do peixe, é isso? — inquirira ele com um timbre roufenho na sua voz potente, e uma energia que levava o som a propagar-se pelo apartamento. O homem mirou-a de cima a baixo, com uns olhos argutos e curiosos, vendo-se neles uma mistura de alegria e desespero.

— Para começar — respondera ela em voz baixa, dirigindo-se mais ao chão do apartamento que a ele.

— O quê? Fale mais alto, jovem — pediu o homem com alguma impaciência.

Ela elevou a voz.

— Sim, para começar — repetiu.

— E os seus pais estão ao corrente disso? Você parece-me tremendamente jovem. — Ele lançou-lhe um olhar atento, enquanto o lábio dele se retorcia de uma maneira esquisita, como se o homem fizesse um esforço para sorrir, mas se contivesse ao mesmo tempo.

— É claro que sim. Mas eu sei tomar as minhas decisões sozinha. — Nesse momento, Uglá falava com mais clareza, de uma forma mais assertiva.

— Ótimo. Agradam-me as pessoas que assumem a responsabilidade pelas decisões que tomam na vida. E gosta de café? — Agora, havia um tom ligeiramente mais amigável na voz dele.

— Sim — respondeu ela a mentir, considerando que adquirir o hábito de tomar café não seria um desafio maior que outro qualquer.

Era óbvio que Hrólfrur tinha simpatizado com ela. Ele concordou em alugar-lhe o apartamento na cave e, pouco tempo depois, Uglá encetava uma rotina com ele, em que os dois se juntavam para tomar café uma vez por semana. Ela não o fazia por obrigação, e aquilo não constituía um fardo de modo algum. Uglá sentia um prazer genuíno em conversar com Hrólfrur sobre o seu passado: sobre o tempo que ele passara no estrangeiro até o eclodir da Segunda Guerra Mundial o trazer de novo para a Islândia; os anos do *boom* da pesca do arenque; as viagens pelo estrangeiro, anos mais tarde, e as conferências em que ele participara enquanto escritor famoso.

Por seu turno, Hrólfrur levava-a a sair da sua concha e ela começou a encarar a vida com um pouco mais de prazer.

Ugla raramente falava sobre o passado e jamais fez alguma referência a Ágúst. Os dois falavam sobretudo de livros e música. Ela tinha estudado piano desde criança, quando vivia em Patreksfjörður, e ele incitava-a a tocar sempre que ela o visitava. Numa dessas vezes, quando Ugla terminava a execução de uma peça, uma pequena composição de Debussy, Hrólfur fez-lhe uma pergunta bastante inesperada:

— Porque não coloca um anúncio para dar aulas?

— Aulas? Eu não sou uma professora qualificada. — Ela estava ligeiramente embaraçada.

— Toca suficientemente bem. Na verdade, até muito bem. Tenho a certeza de que era capaz de ensinar as noções fundamentais.

Ugla sentia o apoio e a confiança na voz dele. Aquilo que começara por ser um conhecimento tinha evoluído gradualmente para uma amizade que lhe era cara.

— Pode usar o meu piano — acrescentou ele.

— Vou pensar sobre o assunto — prometeu ela, timidamente.

Um dia, quando Ugla sentiu que a vida estava a sorrir-lhe, afixou um anúncio na vitrina da cooperativa, uma folha A4 onde escrevera à pressa: «Lições de Piano. Preço a combinar», colocando o nome e número de telefone em cinco tiras na base, que alguém interessado poderia destacar para um contacto futuro. A iniciativa deixara Hrólfur encantado, embora ainda não tivesse surgido nenhum pedido de informações.

As conversas entre os dois não versavam apenas a música; ela tinha-lhe confidenciado que se interessava pelo teatro quando vivia em Patreksfjörður e também na Universidade de Ísafjörður, onde integrara um grupo de teatro amador. O assunto surgiu numa noite de junho, em que ela e Hrólfur se sentavam junto à janela a conversar, enquanto tomavam um café acompanhado de bolachas. A água do fiorde estava imóvel como um espelho e a cidade resplandecia, embora o Sol começasse a declinar atrás das montanhas, com os raios a iluminar apenas os picos no lado leste do fiorde.

— Sabe que eu sou o presidente da Sociedade Dramática — referiu ele com ar casual, mas com um propósito deliberado.

— Uma Sociedade Dramática? Aqui, em Siglufjörður? — Ugla não conseguia disfarçar a surpresa.

— Não deixe que as aparências a iludam. Esta foi uma cidade importante, e continua a sê-lo, apesar de a população estar a diminuir. É claro que temos uma Sociedade Dramática. — Ele sorriu. Ugly já se tinha habituado àquele sorriso, levemente enviesado, sabendo que por trás se escondia um afeto genuíno.

— Mas não se trata de uma grande sociedade. Fazemos uma representação anual, no máximo. Lembrei-me que poderia falar de si ao diretor.

— Oh, por favor, não faça isso. Não ia adiantar nada.

A recusa dela não foi inteiramente convincente e, de qualquer maneira, Ugly sabia que Hrólfur acabaria por fazê-lo, provavelmente. Foi o que aconteceu, e no outono seguinte ela já estava integrada no elenco de uma comédia.

Ugly quase não conseguia acreditar na facilidade com que se abstraiu de tudo quando pisava um palco.

Ao pôr os olhos na ribalta, ela sentia que avançava para um mundo novo. O público deixava de ter significado, com as pessoas, fossem elas uma, duas ou cinquenta, a fundirem-se numa só, à luz dos projetores. Quando subia ao palco, ela deixava de estar nos Fiordes do Oeste ou em Siglufjördur, concentrando-se em recordar o texto da peça e representar emoções que não eram as suas para a plateia. A intensidade da sua entrega era tal que a fazia até esquecer-se de pensar em Ágúst por momentos.

Quando a peça terminava, os aplausos enchiam-na de alegria, parecendo-lhe que flutuava sobre o palco. Habitou-se a ficar sentada em silêncio no final de cada representação, para se obrigar a regressar ao mundo real, e era nessa altura que a tristeza se instalava de novo; que as memórias de Ágúst voltavam. Contudo, de certo modo, a cada atuação, parecia que tudo se tornava mais suportável e que a melancolia demorava mais a voltar. Era como se o palco fosse agora a sua forma de ultrapassar a escuridão.

Ter conhecido aquele ancião revelava-se para ela uma fonte de grande felicidade. Ao mesmo tempo, Ugly tinha a perfeita consciência de que, sem ele, lhe teria sido impossível estabelecer o contacto com a Sociedade Dramática.

Isso tornou ainda mais difícil revelar-lhe a sua intenção de deixar o apartamento na cave. Nesse momento, ela dispunha da hipótese

de alugar um apartamento maior e completamente mobilado no centro da cidade, na rua Nordurgata; aquilo que pesava mais na decisão era o facto de ele dispor de um piano. Ugly estava determinada a ir viver para ali, considerando ter chegado a altura de encontrar algo mais definitivo na cidade a que pudesse chamar a sua casa. Por muito confortável que fosse o apartamento da cave, jamais seria um projeto a longo prazo. O apartamento na Nordurgata era o passo na direção certa. E, além de ser mais espaçoso e central, tinha ainda um pequeno jardim.

Ugly continuava sozinha. Havia, naturalmente, alguns homens na cidade que ela achava atraentes, mas qualquer coisa a levava a retrair-se. Talvez fosse a recordação de Ágúst, pelo menos ao início, ou então ela ainda não estava preparada para eleger Siglufjörður como o sítio onde iria passar o resto da vida. Não estava preparada para criar raízes nesse preciso momento.

A sua relação com Hrólfrur manteve-se inalterável após a mudança, e todas as tardes de quarta-feira Ugly subia a encosta íngreme que separava o seu apartamento no centro da cidade da casa dele na Hólavegur, para os dois tomarem café, como se ela ainda vivesse no piso de baixo. Os dois tagarelavam sobre coisas diversas, o passado dele e as viagens que fizera, e o futuro dela. *Um ancião encantador*, pensava Ugly frequentemente, sempre com a esperança de que ele ainda tivesse muitos anos pela frente.

Nessa altura, a vida dela sofreu uma nova reviravolta. Úlfur, o encenador da Sociedade Dramática, tinha-lhe oferecido recentemente o papel principal numa nova peça. Os ensaios iam começar em breve e a estreia estava marcada para pouco depois do Natal.

Um papel principal? Ugly sentira imediatamente alguma ansiedade. Embora aquela fosse uma companhia amadora, um papel principal era sempre um papel principal.

Tratava-se de uma boa peça. O autor era um habitante da cidade e, com um pouco de sorte, talvez fosse possível exibi-la em outros locais, como na vizinha Akureyri, a maior cidade da costa norte, ou até em Reiquiavique.

Era novembro, e ela estava a adaptar-se bem à sua nova casa, sentindo-se orgulhosa por estar a conquistar a sua autonomia e, sobretudo, a aguardar com expectativa a sua participação na peça.

Nevava nesse momento; através da janela, ela contemplou a neve deslumbrante no seu branco perlado, que lhe infundia uma sensação plena de tranquilidade.

Abriu a porta que dava para o jardim das traseiras para inspirar profundamente o ar fresco da noite, mas o vento agreste do norte obrigou-a a fechá-la à pressa e, de súbito, ela deu por si a lembrar-se de Ágúst.

Porque tivera aquilo de lhe acontecer? Porque tivera ele de morrer tão inesperadamente? Porque tivera ela de sofrer uma perda tão trágica quando ainda era tão nova? Não era justo.

Ela fechou os olhos e pensou no banco junto à janela da sua casa em Patreksfjörður, enquanto recitava mentalmente uma antiga canção de embalar.

*Ugla, a coruja, num toco de árvore pousou,  
Quem irá depois?  
Um, dois,  
E foste tu quem voou.*



## 5

**A** primeira reação dela não foi de medo, mas de raiva, por não se ter apercebido de que qualquer coisa não estava bem, que havia alguém atrás dela, na escuridão. A seguir, o medo dominou-a.

Ele empurrou-a bruscamente contra a porta, com uma mão a lançar-se de trás para lhe tapar a boca, enquanto a outra fazia rodar a chave na fechadura. Quando a porta se abriu e ele a impeliu para dentro de casa, ela quase perdia o equilíbrio; a mão dele manteve-se firmemente apoiada sobre a sua boca. O choque era tão paralisante que ela não sabia se conseguiria gritar ou pedir socorro, mesmo que ele aliviasse a pressão da mão. Ele fechou a porta com cuidado e os poucos segundos que se seguiram envolveram-na numa névoa, como se ela se encontrasse num mundo diferente e não lhe restassem energias para resistir.

Sem conseguir virar-se, ela ainda não tinha tido a oportunidade de o ver.

Ela parou subitamente e, durante o que pareceu uma eternidade, nada aconteceu. Ela sentia que lhe cabia fazer alguma coisa. Tentou calcular as hipóteses de que dispunha, uma vez que ele a agarrava apenas com a mão direita, e não com a esquerda. Podia apanhá-lo de surpresa com um murro ou um pontapé, libertar-se e fugir, gritar por socorro...

Contudo, já era tarde demais. A hesitação durara demasiado tempo, enquanto ela ponderava as suas opções, dando-lhe a ele a oportunidade de agir primeiro, de tirar a faca de caça aguçada da bainha.

## 6

### **SIGLUFJÖRDUR. NOVEMBRO DE 2008**

**A** não ser que os visitantes quisessem vir por mar ou percorressem de carro o desfiladeiro da montanha, que ficava completamente intransitável durante o inverno, ou conhecessem o proprietário de uma aeronave que conseguisse aterrar no pequeno aeródromo de Siglufjörður, onde já não havia voos regulares com destino ou origem na cidade, o único acesso à cidade efetuava-se através do túnel antigo e estreito.

Ari Thór tinha concluído que não precisava de um carro num lugar tão pequeno, pelo que deixara ficar o pequeno *Toyota* amarelo para Kristín andar com ele. Ela estava demasiado ocupada com o trabalho e os estudos para poder trazê-lo ao seu novo local de trabalho em Siglufjörður, apesar de todos os esforços que ele fizera para a convencer de que uma viagem ao Norte era uma boa oportunidade para os dois desfrutarem de alguma paz e sossego em conjunto.

Kristín continuava descontente com a mudança que ele decidira fazer. Não falava sobre isso com frequência, mas, sempre que Siglufjörður era mencionada, gerava-se um silêncio frio e o assunto ficava por ali. Os dois tinham andado dedicados aos seus cursos, e Kristín continuava a trabalhar no hospital, em paralelo às sessões de estudo habituais. O facto de ela não dispor de algum tempo para o acompanhar deixava Ari Thór irritado, principalmente porque os dois iam ficar um mês separados até chegar o Natal. Embora tentasse afastar aquele pensamento, a sua mente insistia em voltar à

mesma questão, sempre que ele se perguntava que lugar ocupava na lista de prioridades da namorada. Estaria no topo? Ou em segundo lugar, a seguir à medicina? Ou estaria em terceiro, depois dos estudos e do trabalho?

Ela tinha-o abraçado ternamente, com um beijo de despedida.

— Boa sorte, meu amor — dissera-lhe numa voz carinhosa.

Neste momento, havia uma nova barreira a separá-los, uma linha ténue e invisível que Ari conseguia sentir, e que talvez fosse igualmente perceptível para ela.

Tómas, o sargento responsável pela esquadra de Siglufjörður, foi buscá-lo ao aeroporto da cidade nortenha de Saudárkrókur, a cerca de uma centena de quilómetros a sul de Siglufjörður, onde ficava o aeroporto mais próximo com voos comerciais regulares.

— É um prazer conhecer-te pessoalmente — afirmou Tómas, com a voz a ressoar ainda com mais impacto do que Ari Thór recordava do seu primeiro telefonema. Tómas aparentava estar na casa dos cinquenta anos, e tinha um rosto afável, emoldurado pelo cabelo branco, ou o que restava dele; no topo da cabeça não sobrava nem um fio extraviado.

— Igualmente. — Ari Thór sentia-se cansado após o voo matinal turbulento.

— Regra geral, levamos uma hora e meia a chegar a Siglufjörður, mas as estradas estão em péssimo estado, pelo que podemos demorar um pouco mais... se é que conseguimos lá chegar! — observou Tómas, rindo-se do seu próprio humor negro. Ari Thór ficou calado, sem saber o que haveria de pensar sobre aquele homem.

Tómas não falou muito mais ao longo da viagem, parecendo concentrar-se na estrada, embora, seguramente, já tivesse feito aquele trajeto anteriormente as vezes suficientes.

— És do Norte? — perguntou-lhe Ari Thór.

— Nasci e vivi sempre aqui — respondeu Tómas.

— Como é que as pessoas de fora se dão por cá?

— Bom... dão-se bem, na maior parte das vezes. Terás de o avaliar por ti próprio. Há pessoas que irão receber-te bem e outras não. A maior parte dos habitantes da cidade está a par da tua vinda e aguarda com expectativa o momento de te conhecer. — Fez uma breve pausa. — O velho Eiríkur vai reformar-se e és tu quem o vai

substituir. Se a memória não me falha, ele veio para o Norte em 1964, e vive aqui desde essa altura. No entanto, aos nossos olhos, o homem continua a ser um forasteiro!

Tómas riu-se, mas Ari Thór não o imitou.

*Aquela teria sido uma decisão acertada? Mudar-se para uma pequena comunidade rural onde jamais poderia vir a integrar-se?*

Os últimos escassos quilómetros do percurso antes de chegarem ao túnel da montanha eram diferentes de tudo o que Ari Thór já tinha visto. A estrada serpenteava pela encosta, dispondo de uma faixa de rodagem extremamente diminuta. À direita, erguiam-se as montanhas brancas de neve, esplendorosas e impressionantes, enquanto no lado oposto havia um declive íngreme e terrificante que se precipitava sobre a enorme vastidão do fiorde de Skagafjörður, assolado pelos ventos. Um movimento errado ou uma placa de gelo, e deixaria de haver amanhã. Provavelmente, tinha sido bom que Kristín não viesse com ele. A perspectiva de ela ter de fazer o caminho de regresso sozinha deixá-lo-ia certamente preocupado.

Pensar em Kristín levava as suas dúvidas a ressurgirem de novo. *Porque não tinha ela tirado alguns dias para estar junto dele? Seria pedir demasiado?*

Ao ver aproximar-se finalmente a entrada do túnel, ele descontraíu-se. Tinham conseguido chegar intactos. Porém, aquele alívio durou pouco tempo. Ari Thór estava à espera de um túnel moderno, amplo e bem iluminado, mas aquilo que via à sua frente tinha um ar sinistro. Tratava-se de uma passagem estreita de uma via. Mais tarde, soube que tinha sido escavada na encosta da montanha há mais de quarenta anos, quando existiam poucos túneis na Islândia. O facto de a água pingar aqui e ali, a partir do teto de rocha invisível, não ajudava. De súbito, ele foi atingido por uma sensação que nunca tinha experimentado até então — uma claustrofobia avassaladora.

Fechou os olhos, a tentar libertar-se dela.

Não desejava iniciar assim a sua relação com Siglufjörður. Tinha previsto passar ali dois anos, talvez mais. Até então, já tinha atravessado túneis bastantes vezes e nunca sentira nenhum desconforto. Seria a ideia do fiorde isolado que o afetava daquela maneira, e não o túnel em si mesmo?

Abriu os olhos na precisa altura em que descreviam uma curva e a boca do túnel surgia à sua frente, conduzindo-os para o ar livre. O batimento cardíaco abrandou e Ari já estava mais calmo quando Tómas anunciou:

— Bem-vindo a Siglufjördur.

O fiorde saudou-os com o cinzento opressivo de um dia nublado. As nuvens e a borrasca toldavam a cadeia montanhosa, impedindo-a de se revelar em todo o seu esplendor. Os telhados das casas da cidade estavam embotados pela obscuridade e uma leve camada de neve depositava-se sobre os jardins.

Talos de ervas desirmanados espreitavam para fora da neve em ar de provocação, recusando-se a aceitar que o inverno tinha chegado, enquanto as montanhas se elevavam sobre eles numa altura opressora.

— Achas que este vai ser um inverno agreste? — perguntou Ari Thór, como se precisasse de garantir a si próprio que se abriam perspectivas mais risonhas à sua frente. Aquele não seria apenas um dia excecionalmente sombrio?

A pergunta do recém-chegado provocou o riso de Tómas.

— Cada inverno de Siglufjördur é um inferno agreste, meu amigo — respondeu ele com a sua voz de baixo profundo.

Não se viam muitas pessoas por ali e o trânsito era escasso. Era praticamente meio-dia; Ari Thór teria esperado que houvesse mais atividade à hora de almoço.

— Está tudo muito sossegado por aqui — comentou ele para quebrar o silêncio. — A crise financeira também vos deve ter atingido, tal como aconteceu a todos nós, suponho.

— Crise? Por aqui não temos nada disso. A crise está confinada a Reiquiavique e não vai estender-se ao Norte. Nós estamos demasiado afastados — sublinhou Tómas, enquanto avançavam em direção à praça no centro da cidade. — Siglufjördur não beneficiou dos anos de expansão económica, pelo que a crise também não é algo que nos deva afetar.

— O mesmo aconteceu comigo — disse Ari Thór. — Os estudantes não beneficiaram de muitos anos de prosperidade.

— A haver uma recessão por estas paragens, ela tem origem no mar — continuou Tómas. — Antigamente, até ao desaparecimento

do arenque, este sítio fervilhava de dinamismo. Agora, o número de habitantes é muito menor, andando à volta dos mil e duzentos a mil e trezentos.

— Julgo que as multas por excesso de velocidade serão poucas, não é? Não me parece que haja muitos carros por aqui.

— Escuta uma coisa — disse Tómas solenemente, com um tom grave na voz. — Aquilo que fazemos aqui não passa por andarmos a aplicar multas. Bem pelo contrário. Esta é uma comunidade pequena e nós somos mais do que polícias locais. Trata-se antes de aplicar o menor número de multas que for possível. Não vais demorar a descobrir que nós agimos de uma forma muito diferente em relação ao Sul. Esta comunidade é muito unida. Mas não te preocupes, porque vais percebê-lo.

Tómas seguiu pela artéria principal, a rua Adalgata, polvilhada de pequenos restaurantes, lojas e algumas casas vetustas que pareciam ser ainda habitadas.

— A tua casa fica ali em baixo, na rua Eyrargata, um pouco mais para a esquerda — referiu Tómas, indicando a direção sem desviar os olhos da estrada. — Vou começar por passar pela esquadra, para teres uma ideia do sítio onde fica.

O homem virou para a direita e, em seguida, para a direita de novo, e abrandou ao aceder à rua Gránargata, que ficava paralela à Adalgata.

— Queres dar uma vista de olhos, ou ir a casa primeiro? — perguntou ele afavelmente.

*Casa?*

Uma vez mais, aquela sensação de desconforto, de claustrofobia, em conjunto com as saudades do sítio de onde viera. Ele chegaria realmente a encarar aquele lugar desconhecido, com o seu fiorde impressionante, como a sua casa? A mente de Ari Thór regressou de novo a Kristín e àquilo que ela estaria a fazer nesse preciso momento.

*Em casa.*

— Se calhar, é melhor eu começar a instalar-me — disse ele, reprimindo o nó que se formara na sua garganta.

Momentos depois, Tómas estacionava o carro na Eyrargata, junto de uma casa integrada num amontoado de casas igualmente imponentes e datando de uma ou mais gerações atrás.

— Espero que te sintas bem aqui, pelo menos para começar. A câmara adquiriu esta casa há uns anos e ela não tem sido preservada conforme deveria, embora seja o exterior que precisa de alguma intervenção. Deve ser suficientemente confortável. Há anos que ela está à venda e, embora seja demasiado grande para ti, pode acontecer que a tua namorada também venha viver para o Norte a qualquer altura. É a casa ideal para uma família grande — afirmou Tómas com um grande sorriso.

Ari Thór fez um esforço para sorrir também.

— Não te arranjámos um carro, mas acredita que não vais precisar dele num lugar como este — afirmou Tómas. — Sempre que precisares de te deslocar para o Sul, um de nós pode levar-te ao aeroporto de Saudárkrókur, ou arranjamos alguém que vá para esses lados.

Ari Thór recuou para dar uma olhadela mais atenta à casa. A tinta vermelho-clara aplicada na última pintura já começava a lascar. A casa tinha dois pisos, com o primeiro andar alojado no vão do telhado. Este tinha um tom de vermelho vivo, e um manto de neve cobria-o quase por completo. A moradia tinha sido construída sobre uma cave rebaixada, vendo-se duas janelas no piso inferior. Uma grande pá estava encostada à porta que dava para a cave.

— Vais precisar disso — afirmou Tómas com um riso lúgubre, mas num tom afável. — Há de ser útil para a altura em que houver neve a sério e tiveres de abrir o caminho para sair. Não nos serves de nada se ficares bloqueado pela neve.

Ari Thór sentia-se cada vez mais desconfortável, enquanto a sua pulsação aumentava.

Quando os dois subiram os degraus que conduziam à porta, Ari Thór ficou hesitante.

— De que estás à espera, rapaz? — inquiriu Tómas. — Abre a porta, ou ainda morremos aqui fora.

— Não tenho as chaves — justificou-se Ari Thór, embaraçado.

— Chaves? — replicou Tómas, agarrando firmemente na maçaneta para abrir a porta e aceder ao interior. — Ninguém costuma trancar as portas. Não é preciso, já que nunca acontece nada aqui.

No entanto, retirou um molho de chaves do bolso e entregou-o a Ari Thór.

— Em todo o caso, pensei que preferias ficar com umas chaves só por precaução. — O homem sorriu. — Vemo-nos mais tarde.

Ari Thór ficou sozinho. Depois de fechar a porta, espreitou pela janela da cozinha, a qual lhe oferecia uma vista sobre as casas do outro lado da rua e também sobre as montanhas num dia bom, assim o esperava.

As palavras de Tómas ecoavam na sua cabeça.

*Nunca acontece nada aqui.*

*Onde é que eu me vim enfiar?*

*Em que diabo é que eu me meti?*



«Um dos melhores policiais dos últimos tempos.»

*NEW YORK TIMES*

Siglufjörður é uma pacata terra de pescadores, perdida no norte da Islândia, onde todos se conhecem e nem é preciso trancar as portas. Ari Thór Arason, um jovem polícia em início de carreira, é obrigado a deixar a sua vida em Reiquiavique e a mudar-se para essa terra inóspita, onde nada parece acontecer.

Inesperadamente, dois eventos que não parecem ter qualquer ligação entre si perturbam a paz da vila. Uma jovem é encontrada semidespida na neve, ferida e inconsciente, e um velho e acarinhado escritor sofre uma queda mortal. Estes acontecimentos abrem caminho a uma investigação liderada por Ari.

As incessantes tempestades de neve, e a brutal avalanche posterior, acabam por isolar a vila e a investigação torna-se cada vez mais complexa, arrepiante e... pessoal. O polícia acaba traído por aqueles em quem confiou e, sobretudo, angustiado com o perigoso assassino que continua à solta. Quando o passado da vila é finalmente desenterrado, nada fica como antes nas vidas de Ari e dos habitantes de Siglufjörður.

«A obra de Ragnar Jónasson, escrita à imagem da sua grande referência, Agatha Christie, tem um cunho muito próprio ao mostrar o lado mais sombrio dos homens.»

*KIRKUS REVIEWS*

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8800-95-4



9 789898 800954

Ficção/Policial